

Ponto de vista

Sucesso planejado

Celso Foelkel

Nossa indústria de papel e celulose praticamente engatinhou durante o período do Brasil Imperial, com diversas tentativas frustradas para se produzir principalmente o papel de imprensa, que sempre e até hoje é muito importado pelo país. Entretanto, no final do século XIX e início dos anos 1900s, algumas empresas bem sucedidas surgiram e cresceram, mantendo-se saudáveis e produtivas até hoje. É o caso da Melhoramentos, Gordinho Braune, Papel Simão (hoje VCP), Cícero Prado (hoje Nobrecel), Klabin, Suzano, Cambará, Irani, Ripasa, Pedras Brancas (hoje Santher) e tantas outras. As sementes plantadas por alguns pioneiros vingaram a partir do desenvolvimento das matérias primas e das competências tecnológicas para se processá-las. Muitas famílias trouxeram ou adquiriram a vocação papeleira e ajudaram a indústria a se firmar.

O eucalipto, que houvera sido introduzido para fins de plantações comerciais por Navarro de Andrade em 1904, rapidamente ganhou espaço devido suas qualidades florestais e tecnológicas. A indústria papeleira passou a se valer desse potencial e tornou a eucaliptocultura uma realidade invejada. Empresas como Simão, Ripasa, Suzano, Champion (atual International Paper) se destacaram no uso dessas fibras curtas e esse sucesso despertou outros interessados em promover essa indústria. Também as espécies de *Pinus*, que surgiram para complementar a *Araucaria angustifolia*, acabaram-se tornando as principais fibras longas do mercado, também por suas vantagens florestais.

Temos algumas razões básicas que desencadearam o modelo exportador de celulose de mercado e também de papel. A primeira delas foi o Programa de Incentivos Fiscais ao Reflorestamento, promovido pelos governos militares entre meados dos 60's até meados dos 80's. Alguns milhões de hectares de florestas plantadas de *Eucalyptus* e de *Pinus* foram aqui introduzidos, surgiram escolas de engenharia florestal, laboratórios e institutos de pesquisas, etc. Um modelo florestal de alta produtividade e eficiência aqui se estabeleceu e se aperfeiçoou rapidamente. A segunda força motriz foi a vinda da fábrica de celulose da Borregaard norueguesa, depois Riocell e hoje Aracruz unidade Guaíba. A Borregaard veio ao Brasil na busca de madeira barata, mas as negociações levaram a se construir uma fábrica exportadora de celulose não branqueada para a Noruega. Lá, a polpa era branqueada e vendida depois no mercado europeu. Pela porta dos fundos se abria então o modelo exportador de celulose de mercado. A terceira força foi o apoio governamental da época do milagre econômico, dos anos 70's. Em 1974, o Governo Federal lançava o I PNPC – Programa Nacional de Papel e Celulose, cujas ambiciosas metas eram de desenvolver a indústria de celulose e papel com vistas a atender o mercado interno e a gerar alguns milhões de toneladas excedentes de produtos para exportação. Amplo apoio ao setor foi (e tem ainda sido) garantido com financiamentos do BNDE (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, hoje BNDES). No aspecto tecnológico, os governos buscaram desenvolver um programa de capacitação e de pesquisa, tendo o IPT/SP como o polo catalisador, com investimentos da FINEP, STI, FAPESP, MCT e de fundos governamentais ao desenvolvimento tecnológico. Surgiram com isso, centros cativos de P&D em diversas empresas e as universidades se instrumentalizaram em equipamentos e em pessoal qualificado. Algo muito bem orquestrado e que nos leva a perguntar o porque da falta de união nesse particular nos dias de hoje. A ABCP – Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel, hoje ABTCP), surgia em 1967 com seus eventos, congressos, exposições, e com a tradicional revista O Papel. Nossos técnicos dispunham então das necessárias oportunidades para buscar conhecimentos, informações e diálogo.

Apesar das décadas econômicas perdidas e outras nem tanto, o setor só cresceu. Não da maneira e nas dimensões que previa o PNPC de 1974, que tinha metas de se produzir mais de 20 milhões de toneladas de celulose no final do século passado. Entretanto, sonhos

a parte, nosso crescimento foi significativo e de causar admiração no mundo da celulose e do papel. De 1970, quando produzíamos cerca de 700.000 toneladas de celulose, alcançamos 9,2 milhões de toneladas em 2004 e em 2005 ultrapassaremos 10 milhões. Um crescimento de mais de 7% ao ano nesses 35 anos de sucessos e de lutas. Em 2004 produzimos 5,5 milhões de toneladas de celulose de mercado de eucalipto e nos situamos como o maior produtor mundial desse produto, com cerca de 57% do mercado.

Hoje o setor é admirado pela sua eficiência, produtividade, responsabilidade ambiental e pelo seu baixo custo de produção. É responsável por cerca de 3,2 bilhões de dólares anuais das exportações brasileiras e por cerca de 2,5 bilhões de dólares do superávit comercial. Definitivamente um sucesso comercial, tecnológico e empresarial. Os governos têm apostado e apoiado o setor e os empresários e técnicos cumprem a sua parte e fazem o dever de casa.

Nossa indústria é eficiente, moderna, com certificações ISO 9000, 14000, certificações florestais do FSC e CERFLOR, sendo ambientalmente adequada. Conseguimos desenvolver nossa qualidade de produtos e a logística de maneira competitiva, o que nos coloca com vantagens nesse mercado a nível global. Em tempo, temos fábricas estado-da-arte, com eficiências e produtividades classe mundial. É claro que nosso setor de celulose, e de papel principalmente, é ainda muito fragmentado e desuniforme. Há muitas empresas de menor porte e estado tecnológico, mas todas buscando crescer e suceder bem. Conseguimos hoje atender a demanda interna da maioria dos papéis e empresas brasileiras de todos os portes já praticam o comércio exterior, exportando para América Latina, Ásia, Europa e América do Norte. Algo excitante para muitos, que até pouco tempo atrás eram tipicamente produtores locais.

O setor tem planos de crescimento consolidado e que têm merecido a atenção dos empresários, investidores e dos órgãos públicos. A recente crise do apagão florestal com a possível queda na oferta da madeira mostrou a união desses atores, pois estamos plantando florestas como nunca o fizemos antes, envolvendo agora e mais do que houvera sido, os produtores rurais. Nos últimos 15 anos temos investido mais de um bilhão de dólares anuais em novas capacidades de produção. Esse ritmo está sendo preconizado continuar nos próximos 7 anos, até 2012, conforme a BRACELPA, entidade patronal do setor. Recém foi inaugurada a Veracel, com suas

900.000 toneladas anuais de capacidade, mas que todos acreditam que emplacará 1 milhão rapidamente; temos expansões de capacidade em andamento na Suzano/Bahia Sul, Cenibra, Aracruz, VCP, Lwarcel, Bahia Pulp, Ripasa, Jari, Nobrecel e em muitas outras empresas.

Apesar das dificuldades de um setor onde o preço e a demanda são voláteis e das incertezas que o câmbio oferece, o sucesso do modelo exportador de celulose (e também de papel) nos dão a certeza que essa jornada vitoriosa continuará. Porque? Porque temos investido em modernização e competitividade, em garantir qualidade e baixo custo, em otimizar a logística e atender bem ao mercado. Entretanto, é fundamental que não nos descuidemos. Os gestores de nossas empresas com certeza estão conscientes disso.